

RUI AZEVEDO

COORDENADOR DO EPE NA ÁFRICA DO SUL, NAMÍBIA, SUAZILÂNDIA, ZIMBÁBUE E BOTSWANA

P. 20-21

“Devo felicitar os pais pela sua visão em colocar os filhos a estudar Português”



A ligação de Rui Azevedo ao Camões, I.P. já começou há 19 anos, quando assumiu o cargo de leitor na Universidade de Buenos Aires, Argentina. Seguiu-se Moçambique, onde esteve seis anos e meio a formar professores de Português na Universidade Pedagógica e está há cinco anos na África do Sul, a coordenar o EPE (Ensino de Português no Estrangeiro) na África do Sul, Namíbia, Suazilândia, Zimbábue e Botswana. Coordena o EPE em países com realidades diferentes mas que têm em comum um crescente interesse pela Língua Portuguesa, de que é exemplo a Namíbia: desde 2012, o número de alunos passou de 371 para 1858. E assume plenamente a sua ‘ligação’ ao ensino em África. “Gosto muito de África e esta vivência permite-me ter um conhecimento muito mais alargado deste continente. Agora tenho uma noção mais abrangente do ensino do Português nesta parte de África, o que é, para mim, muito gratificante”, revelou ao «Mundo Português».



MARIANA FARIA

Leitora do Camões I.P. em Cabo Verde

P. 21

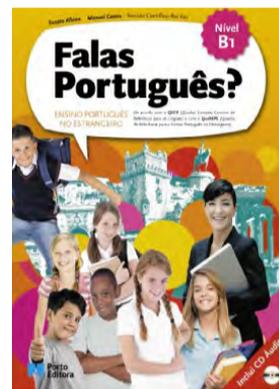
“Temos vindo a verificar um aumento de interesse pela Língua Portuguesa”

Mariana Faria é Leitora do Camões, I.P. em Cabo Verde desde 2010. O Leitorado está integrado no Departamento de Ciências Sociais, Humanas e Artes da Universidade de Cabo Verde e dinamiza a licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses), além do Mestrado em Ensino do Português: Língua Segunda, Língua Estrangeira.

NOVO ANO ESCOLAR JÁ COMEÇOU A SER PREPARADO

P. 20

Alunos de português já estão a receber manuais escolares



ANGELINA COSTA
 COORDENADORA-ADJUNTA DO ENSINO DE PORTUGUÊS NA NAMÍBIA

P. 22

O ensino da língua portuguesa tem papel preponderante no país

A proximidade geográfica com Angola e o estatuto de observador da CPLP, faz com que a língua portuguesa tenha um valor acrescido na Namíbia, a par com o facto de ser língua oficial na SADC (Southern African Development Community, organização a que a Namíbia pertence



Agenda de atividades do Camões I.P. para **AGOSTO**

- **Alemanha:** Festival de cinema “Um amor português”

- **Hungria:** Festival Szines promove reabilitação urbana com mural português



- **Parlamento Europeu** organiza ação de formação para intérpretes de conferência com alto patrocínio do **Camões, I.P.**

P. 22

RUI AZEVEDO COORDENADOR DO EPE NA ÁFRICA DO SUL, NAMÍBIA, SUAZILÂNDIA, ZIMBÁBUE E BOTSWANA

“Devo felicitar os pais pela sua visão em colocar os

A ligação de Rui Azevedo ao Camões, I.P. já começou há 19 anos, quando assumiu o cargo de leitor na Universidade de Buenos Aires, Argentina. Seguiu-se Moçambique, onde esteve seis anos e meio a formar professores de Português na Universidade Pedagógica e está há cinco anos na África do Sul, a coordenar o EPE (Ensino de Português no Estrangeiro) na África do Sul, Namíbia, Suazilândia, Zimbábue e Botswana. Coordena o EPE em países com realidades diferentes mas que têm em comum um crescente interesse pela Língua Portuguesa, de que é exemplo a Namíbia: desde 2012, o número de alunos passou de 371 para 1858. E assume plenamente a sua ‘ligação’ ao ensino em África. “Gosto muito de África e esta vivência permite-me ter um conhecimento muito mais alargado deste continente. Agora tenho uma noção mais abrangente do ensino do Português nesta parte de África, o que é, para mim, muito gratificante”, revelou ao «Mundo Português».

Na Namíbia foi assinado há poucos anos, um Memorando de Entendimento...

Na Namíbia temos alunos desde o primário ao superior, mas com a particularidade de termos assinado em 2011 um Memorando de Entendimento com o Ministério da Educação da Namíbia, que começou a ser implementado em 2012 e que tornou o Português uma língua oficial no ensino secundário. Portanto, em quatro anos de Memorando, temos hoje em dia na Namíbia 22 escolas públicas e privadas de ensino secundário a ensinarem Português, temos 26 professores na sua maioria namibianos, e um total de 1858 alunos. Em 2012 tínhamos nove escolas, tínhamos dez professores e tínhamos 371 alunos. São estudantes namibianos, que têm o português como disciplina obrigatória desde o 8º ao 12º ano. Esta é a rede que resulta do Memorando de Entendimento.

Depois, temos a rede EPE com três professores, que além de lecionarem, na maior parte dão ainda apoio a esses 26 professores que lecionam no ensino secundário. Neste momento, na rede EPE há 223 alunos - que estudam desde o primário ao ensino de adultos, porque temos na Namíbia o Centro Diogo Cão que promove cursos de PLE (Português Língua Estrangeira) para adultos e crianças. Temos também dois leitores na Universidade da Namíbia, que estão a formar os futuros professores de Português namibianos.

E na África do Sul? Há novos projetos?

Na África do Sul há já uma rede formada há muitos anos, do ensino primário ao ensino superior. Temos cerca de 2200 alunos, desde o primário ao secundário, temos 15 professores a lecionar em 45 escolas, mas que na verdade servem alunos de 220 escolas - porque há alunos de outras escolas que vêm a estas 45 ter aulas de Português. E estão onde há mais lusodescendentes, maioritariamente em Joanesburgo e Pretória, Cidade do Cabo e Durban.

Para além destes, temos cerca de 200 alunos em cursos ‘major’, com bacharelatos em Estudos Portugueses na Universidade de Wits, Joanesburgo, e na Universidade de Pretória. Este ano celebramos um protocolo com a Durban University of Technology onde temos cerca de 30 alunos em cursos que começaram em fevereiro, e na Cidade do Cabo temos também um leitor, um professor moçambicano, mas para o próximo ano faremos um protocolo e teremos um leitor português.

A seguir ao bacharelato, que são três anos, os alunos têm que fazer a sua especialização. E a novidade na África do Sul é que, pela primeira vez, vamos ter cursos que irão formar professores de português ou tradutores/intérpretes de língua portuguesa. Em Joanesburgo vão especializar-se em tradução e interpretação de conferências, em Pretória, na formação de professores, na Cidade do Cabo na formação de tradutores/intérpretes e de professores e em Durban, em tradução e interpretação. Portanto, o Camões, I.P. na África do Sul não deixou de apoiar os alunos lusodes-

centes, mas vai mais além e quer formar quadros que são necessários, não só a nível da tradução e interpretação mas também da docência. Recorde-se que na África do Sul, o português já é uma língua de opção curricular há muitos anos e uma língua estrangeira protegida pela Constituição da República do país.

Outra novidade foi termos introduzido este ano, pela primeira vez, a

isso, competimos com os desportos.

Quais são os projetos na Suazilândia e no Zimbábue?

Na Suazilândia estamos a negociar um Memorando de Entendimento com as autoridades para que o português também seja obrigatório, não está ainda definido se será no secundário ou já no primário, mas creio que será no secundário, à semelhan-

ça do português e só ali temos 400 alunos.

No Zimbábue estamos também a negociar um Memorando de Entendimento, no sentido de oficializar o ensino do Português, mas já temos um leitor na Universidade do Zimbábue há vários anos e uma professora, que tem cerca de 420 alunos, na Escola Lusitânia, um estabelecimento privado onde o português é integrado. Estamos a ver o que podemos negociar no âmbito deste memorando, no sentido de alargar o número de professores da rede e dar apoio aos professores que forem designados pelo Ministério da Educação local para serem os primeiros a lecionarem Português. O facto é que os professores têm que ser locais, em ambos os países e os nossos darão apoio pedagógico e eventualmente assistência ao Ministério da Educação em algumas áreas, como a certificação, as avaliações, os exames.

E quanto ao Botswana...

Temos um leitor, que está colocado na universidade e também na SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral), organização onde o Português é língua oficial e de trabalho, por isso ele divide-se entre as duas instituições. Temos cerca de 120 alunos em ambas. Como no Botswana não há um curso superior que forme professores, estamos a negociar com as autoridades do país e creio que no ano letivo que começará em agosto de 2016, poderemos já ter um curso de formação de professores na Universidade do Botswana.

“Acredito que a formação de professores na África do Sul e a assinatura dos memorandos de entendimento com a Suazilândia e o Zimbábue, vão contribuir para um aumento significativo do número de alunos”

língua portuguesa numa escola pública secundária do emblemático bairro do Soweto, em Joanesburgo. Temos um professor com cerca de 55 alunos e creio que no próximo ano letivo, poderemos ter mais alunos naquele bairro. Nós privilegiamos o ensino secundário, até porque o nosso objetivo é ter alunos que possam optar por um curso de formação de professores ou de tradutores e intérpretes nas universidades.

Não descuramos o nosso público estudantil lusodescendente - apesar de na África do Sul apenas 48 por cento dos nossos alunos serem lusodescendentes - e temos incentivado os pais, mas é difícil porque o sistema de ensino sul-africano abriga os alunos a escolherem várias opções, nomeadamente no desporto. A maior parte dos nossos cursos são ministrados em regime paralelo, como disciplina de opção, à tarde, depois das aulas curriculares acabarem, e por

ção da Namíbia. Neste momento, temos dois professores na rede de ensino (do EPE), um no básico (do 1º ao 7º ano de escolaridade) e outro no secundário (que vai do 8º ao 12º ano), mas estamos a negociar com as autoridades, a possibilidade de se oficializar o ensino do Português a nível nacional.

À partida, vamos ter um leitor do Camões, I.P. na Universidade da Suazilândia, onde já há cursos de Português, mas lecionados no Instituto de Ensino à Distância. E em colaboração com esse Instituto e a Faculdade de Humanidades, que pertencem ambos à universidade, vamos colocar um leitor - em princípio já no próximo ano letivo - para colaborarmos na formação de professores naquele país.

Porque na Suazilândia, por incrível que pareça, temos 800 alunos. Numa escola, onde temos uma das professoras, o ensino do portu-

NOVO ANO ESCOLAR JÁ COMEÇOU A SER PREPARADO

Alunos de português já estão a receber manuais para o próximo

Os livros escolares que os professores agora estão a receber para o próximo ano lectivo, são uma operação com alguma complexidade que se iniciou em maio com as escolhas das comissões científico-pedagógicas, e termina agora com o envio de mais de 15.000 exemplares dos livros para todas as escolas da rede oficial onde haja alunos que frequentem o ensino paralelo e paguem a respetiva propina.

As comissões científico-pedagógicas são compostas pelos coordenadores de ensino de cada país, pelos

professores de português do respetivo nível de ensino e um docente de Apoio Pedagógico adstrito à respectiva área geográfica que conjuntamente, analisam e preenchem uma grelha sobre a obra pretendida que posteriormente enviam para o Camões, I.P. em Lisboa, porque na realidade são eles que estão no terreno e portanto conhecem as dificuldades a superar e os objetivos a cumprir. Depois das escolhas feitas os coordenadores consultam as editoras que lhes dão orçamentos e mais tarde são elas próprias que pro-

cedem ao envio dos manuais para as embaixadas, consulados e outros locais de coordenação de ensino, até que chegam aos professores que os fazem chegar aos alunos. São 15.000 envios, só para a rede oficial, sendo a Suíça o país com maior número de alunos de português, só para este país são enviados 9.000 livros no total.

De recordar que para além da rede oficial, que tem 44.000 na Europa mais África do Sul, Namíbia, Suazilândia, e Zimbábue ainda se presta apoio a mais 25.000 alu-

nos de países como Canadá, Estados Unidos, Venezuela e Austrália que compõem a rede não oficial, num total de cerca de 70.000 alunos

Os alunos que recebem os livros nada pagam pois o seu valor é suportado pela propina recentemente criada, já que o próprio quadro legal define que o pagamento da propina confere o direito de receber um manual adaptado ao nível de língua que vai frequentar e ainda a inscrição para a certificação do nível de língua no final do ano lectivo que frequentou.

TUDO COMEÇA NO PRÉ-ESCOLAR

Todo este trabalho é dirigido para todo o básico e secundário, sem esquecer o pré-escolar também apoiado pela rede Camões, I.P. através de vários conjuntos pedagógicos com fichas e material bem divertido, para estímulo visual dos alunos que obviamente ainda não lêem nem escrevem. Este material é também escolhido de acordo com as opções dos coordenadores de ensino, que estando no terreno conhecem melhor as necessidades da população escolar.

filhos a estudar Português”



Rui Azevedo (ao centro) com professores e alunos na entrega de certificados 2015

O que leva a um interesse tão grande em aprender o Português em países como a Suazilândia, o Zimbábue ou o Botswana?

Eu devo felicitar os pais pela sua visão em colocar os seus filhos a estudar Português ou em escolas onde há Português. A África do Sul tem Moçambique como país vizinho, a Namíbia faz fronteira com Angola e há muitos descendentes de angolanos no país, por força dos campos de refugiados que ali existiram. No Botswana, o português é uma língua de trabalho (a sede da SADC fica em Gaborone, a maior cidade de Botswana). Mas acredito que em todos os países será pelos interesses económicos. A minha experiência indica-me que hoje em dia, nesta parte do sul de África, é mesmo a possibilidade de negócios com Angola e Moçambique e, no caso da África do Sul, também com o Brasil - já que ambos integram o BRICS (grupo que reúne os chamados países 'emergentes').

De referir ainda que criamos uma parceria com a Alliance Française em Joanesburgo, Cidade do Cabo, Durban, Pretória (África do Sul) e em Harare (Zimbábue) e estamos a lecionar Português Língua Estrangeira para adultos, que na sua maioria não são lusodescendentes.

Mas no caso da Suazilândia, por exemplo, a maior parte dos alunos

são crianças, integram o básico, do 1º ao 7º ano. Há realmente muita visão de futuro por parte dos pais...

Sim, e dos diretores das escolas também. A Suazilândia também faz fronteira com Moçambique, o que faz aumentar o interesse, até porque é uma língua que se ouve nas ruas das principais cidades. Já no Zimbábue houve uma comunidade portuguesa grande: a escola que referi chama-se Lusitânia porque foi uma escola de portugueses. Mas é realmente essa visão de futuro que se destaca.

“A novidade na África do Sul é que, pela primeira vez, vamos ter cursos que irão formar professores de português ou tradutores/intérpretes de língua portuguesa”

E nesse sentido, a formação de professores é um objetivo importante...

Sim. A formação contínua é feita em parceria com outras instituições universitárias portuguesas e moçambicanas, neste caso a Pedagógica e a universidade Eduardo Mondlane, permitindo aos futuros professores fazerem formação em Portugal e em Moçambique. Temos leitores e uma estrutura grande em Maputo que dá apoio à Suazilândia, através da Embaixada de Portugal e

do nosso embaixador. E temos um programa de formação contínua elaborado todos os anos em função das necessidades.

Está à frente da Coordenação há quanto tempo? Como vê a evolução do interesse pelo Português nesses cinco países?

Vou completar cinco anos em Setembro. Mudou essencialmente a otimização da rede EPE, no sentido de ir de encontro às necessidades de cada país, nunca descurando as necessidades que a comunidade portuguesa tem nesses países. Mudou a aposta na formação de quadros locais, porque não conseguimos cobrir todas as províncias e a única possibilidade que temos de o fazer, é formando professores, que possam ser contratados localmente. Por exemplo, temos 26 professores namibianos a lecionar em todas as províncias da Namíbia, desde 2012. Em quatro anos, o interesse pelo Português foi estrondoso.

No geral, o número de alunos pode vir a ser maior desde que haja mais escolas a oferecerem a disciplina de Português. Acredito que a formação de professores na África do Sul e a assinatura dos memorandos de entendimento com a Suazilândia e o Zimbábue, vão contribuir para um aumento significativo do número de alunos.

COM A PALAVRA... O Leitor



Mariana Faria
Leitora do Camões I.P. em Cabo Verde

“Temos vindo a verificar um aumento de interesse pela Língua Portuguesa”

Mariana Faria é Leitora do Camões, I.P. em Cabo Verde desde 2010. O Leitorado está integrado no Departamento de Ciências Sociais, Humanas e Artes da Universidade de Cabo Verde (UNICV) e dinamiza a licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses), além do Mestrado em Ensino do Português: Língua Segunda, Língua Estrangeira. Mas os programas coordenados por Mariana Faria incluem ainda projetos dinamização da língua portuguesa voltados para as crianças e para o apoio aos docentes.

O Leitorado do Camões, I.P. em Cabo Verde dinamiza na Universidade de Cabo Verde, a licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses), que engloba atualmente, 79 estudantes. Em articulação com a UNICV o leitorado dá apoio à formação de professores, e, nesse sentido, iniciou no passado ano letivo, o Mestrado em Ensino do Português: Língua Segunda, Língua Estrangeira, que se assume como “uma peça fundamental na formação contínua de professores”, como explicou Mariana Faria, acrescentando que este curso “prepara os mestrandos para o exercício de funções enquanto professores de Português como Língua Segunda e de professores de Português como Língua Estrangeira, considerando, por exemplo, as comunidades estrangeiras que residem em Cabo Verde”.

Neste momento, há 13 estudantes a frequentar o mestrado na Universidade de Cabo Verde, mas está a ser preparada a segunda edição, que decorrerá na ilha de São Vicente. “Esperamos que se inicie no próximo semestre letivo, a partir de outubro, e ainda há candidaturas abertas”, divulgou a leitora nesta entrevista ao «Mundo Português».

E as novidades não param por aqui. Está em curso a criação da Cátedra de Português Língua Segunda, fruto de um projeto de cooperação entre o Camões, I.P. e a UNICV, voltada para o estudo do português científico na área da educação e investigação. “Esta cátedra prevê um conjunto de linhas de investigação voltadas para o trabalho em torno das metodologias de ensino e aprendizagem da língua Portuguesa em Cabo Verde, que inclui ainda a produção e desenvolvimento de materiais didáticos e dos espaços de leitura no país”, explicou a leitora. Projetos que visam a consolidação de uma rede de apoio à formação contínua de professores de Língua Portuguesa, destacou.

UM ‘SAPATINHO’ COM PALAVRAS

Mas o plano de atividades do Leitorado do Camões, I.C. em Cabo Verde integra ainda outras ações que promovem a aprendizagem do Português. Dentre estas, Mariana Faria destacou os projetos «Sapatinho de Palavras» e «VisaMar».

O primeiro, iniciado em 2011, é um programa de aprendizagem em língua portuguesa vocacionado para crianças entre os seis e os dez anos.

“Procuramos criar projetos integradores, que mobilizem as aprendizagens feitas em língua portuguesa, considerando áreas como a expressão vocal, musical, dramática, mas também a informação e comunicação para a saúde, por exemplo”, explicou Mariana Faria que pretende, a médio prazo, ampliar este programa com a criação de outros ‘Sapatinhos’, tais como o «Sapatinho Desportivo», o «Sapatinho Estratégico» e o «Sapatinho Literário». O programa tem contado com o apoio de formadores de língua portuguesa, mas também de expressão vocal e musical, dramática e especialistas na área da saúde. Na última edição, teve a participação de 64 crianças, mas desde 2011 “tem permitido acompanhar a evolução dos meninos na aprendizagem da língua portuguesa nas escolas”.

Já o projeto «Visamar», desenvolve um conjunto de ações em torno da promoção da literatura em língua portuguesa e prevê a criação de uma plataforma digital, onde constarão os materiais desenvolvidos, que procurará vitalizar com a componente didática, mas também uma forte componente áudio visual. A dinamização, tanto dos cursos a nível universitário, como dos restantes programas, é possível em grande parte por haver uma plena coexistência entre a língua Cabo-verdiana e a língua Portuguesa, “no contexto de definição de políticas de língua, de políticas de ensino que permitam uma aprendizagem harmoniosa e o desenvolvimento elevado de competências nas duas línguas”, sublinhou Mariana Faria.

A leitora do Camões, I.P. congratula-se ainda pelo aumento de interesse na Língua Portuguesa por parte de outros programas de formação, concretamente “como unidade de estudo em cursos como Engenharia Eletrotécnica, Ciências da Educação, Comunicação e Multimédia, que reintroduziram nos seus programas curriculares a unidade de Técnicas de Leitura e Redação em Português”. “Isso dá conta do perfil de expectativas associado à utilização do Português enquanto língua de ciência e de tecnologia”, concluiu.

mo ano letivo

BIBLIOTECAS

Para além de deste apoio com os manuais escolares o Camões, I.P. para apoiar os seus cursos de Língua e Cultura Portuguesa tem também uma política de distribuição de bibliotecas por níveis de proficiência da língua, consoante os pedidos que chegam das coordenações de ensino que promovem actividades de incentivo à leitura através da literatura infanto-juvenil e obras de clássicos de autores de língua portuguesa para os alunos mais velhos.



Dois dos manuais escolares que irão ser usados no próximo ano letivo

